



Mestre Eckhart e a palavra interior: do silêncio da alma à manifestação na vida

Leandro Bertoncello¹

Resumo: O estudo investiga os limites do dizível e do indizível em Meister Eckhart, com foco em sua teoria da palavra interior. Mostra que ele distingue a palavra exterior, discursiva e limitada, da palavra interior, silenciosa e espiritual, onde ocorre a experiência do Verbo divino. A análise revela que a linguagem humana é expressão imperfeita da palavra nascida na alma, e que Eckhart propõe a superação do discurso racional pela experiência interior do indizível.

Palavras-chave: Meister Eckhart. Palavra interior. Indizível. Linguagem mística. Experiência espiritual.

INTRODUÇÃO

Em algumas passagens de seus sermões, Mestre Eckhart fala de uma palavra interior. Trata-se de uma palavra que nasce na alma de uma pessoa, onde permanece oculta, mas que se manifesta, não somente por meio de enunciados orais ou registros escritos, e sim na totalidade da pessoa em cuja alma ela nasce.

Perceber a existência da palavra interior e compreender seu significado parece requerer, devido à própria natureza dessa palavra, a consciência da interioridade em oposição à exterioridade. Mestre Eckhart encoraja insistentemente seus ouvintes a desviarem sua atenção da realidade exterior — a multiplicidade das coisas sensíveis que dispersam a atenção humana do que é essencial — e voltarem-se para o interior de si mesmos — onde a unidade se encontra.

Para que isso seja realizado, é necessário desapego (*abgeschiedenheit*): a virtude pela qual alguém permanece imóvel em face dos estímulos provenientes das criaturas (MESTRE ECKHART, 1963, p. 541). Entre esses estímulos externos situam-se as palavras exteriores, que, portanto, também devem ser objeto do desapego. O silêncio, então, a que se chega, permite que a palavra interior seja ouvida interiormente.

1 Doutor em Filosofia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. e-mail: filosofolb@gmail.com

O objetivo desta comunicação é, portanto, explicitar, por meio da análise textual e conceitual de três passagens selecionadas de Eckhart, como esse filósofo místico articula a distinção essencial entre a palavra interior e a palavra exterior, oferecendo contribuições possíveis para o debate contemporâneo sobre os limites da linguagem.

Pretende-se demonstrar que, para Eckhart, a palavra interior, por corresponder a uma realidade espiritual autêntica e inexprimível, mostra-se acessível somente pela experiência contemplativa, e sua compreensão filosófica amplia a percepção sobre o que está além das possibilidades ordinárias de representação linguística e conceitual.

A experiência da palavra interior revela, portanto, que o dizer verdadeiro não é construção, mas desvelamento. A alma não produz a palavra: ela a ouve. Toda expressão autêntica nasce do mesmo movimento que a consciência realiza ao reencontrar o real no silêncio — movimento anterior a qualquer elaboração racional ou estética. O indizível, longe de ser um limite, é a própria origem do dizer.

1 “PREGA A PALAVRA!”

O primeiro trecho a ser analisado baseia-se em uma passagem bíblica (2Tm 4,2) em que São Paulo exorta Timóteo: “Prega a palavra!”. Mestre Eckhart parece haver acertado na escolha do texto a comentar. Essa epístola foi considerada, em estudo recente, um desafio à sensibilidade cultural e religiosa de nosso tempo, além de mostrar-se diferenciada em relação aos demais textos do Novo Testamento: seu enfoque na formação do caráter individual fundamenta-se no cultivo das virtudes pela transformação de si mesmo em um exemplar vivo dos valores que ensina. O ministério do cristão, para São Paulo, não deveria resumir-se a comunicação de uma tradição, mas ser também um modo de vida expressivo das convicções mais profundas do seguidor de Cristo (JOHNSON, 2001, p. 330).

São estas as palavras de Mestre Eckhart:

São Paulo disse a Timóteo: “Querido amigo, tu deves pregar a palavra!” Acaso ele se referia à palavra exterior, aquela que golpeia o ar? Não, certamente não! Ele falava da palavra nascida interiormente, porém oculta, que jaz encoberta na alma. Era essa que ele mencionava em suas pregações: que tal palavra deveria tornar-se conhecida às potências interiores, alimentar-se, e manifestar-se através da pessoa em toda a vida externa, onde quer que o próximo tivesse necessidade disso; que tudo isso fosse encontrado realizado plenamente em ti, conforme a tua capacidade. Essa palavra deve estar presente em ti: no pensamento, na razão e na vontade, e deve também irradiar-se externamente por meio das obras. Assim falou Cristo: “Que vossa luz brilhe diante dos homens” (mestre eckhart, 1971, p. 437).

O mestre renano aqui utiliza o recurso da antítese (contraste entre opostos): apresenta inicialmente o sentido superficial da palavra (“palavra exterior”), para imediatamente refutá-lo e introduzir seu verdadeiro sentido espiritual (“palavra interior”). Essa estratégia textual é característica da retórica de Eckhart, que frequentemente apresenta suas próprias posições após afirmar inicialmente as posições contrárias atribuídas a autoridades ou a interpretações comuns, criando, assim, uma tensão conceitual que torna suas ideias ainda mais evidentes (TOBIN, 1986, p. 160).

A expressão “golpear o ar” serve como metáfora eficaz para ilustrar a fragilidade e transitoriedade da palavra puramente externa e discursiva. Em seguida, Eckhart esclarece a verdadeira intenção da ordem paulina: trata-se da “palavra nascida interiormente, porém oculta, que jaz encoberta na alma”. Aqui, a linguagem ganha profundidade simbólica: Eckhart sugere que a verdadeira palavra não surge da exterioridade discursiva, mas de uma realidade profunda, oculta, interior. Expressões como “nascer” e “jaz encoberta” reforçam a ideia de algo vivo e essencial, mas ainda invisível, que está em estado latente e precisa ser descoberto.

Por fim, Eckhart complementa sua argumentação citando outra passagem bíblica, Mt 5,16 “Que vossa luz brilhe diante dos homens”, sugerindo uma relação necessária entre a interioridade da palavra espiritual e a manifestação exterior por meio de boas obras.

Conceitualmente, o trecho analisado articula três noções essenciais ao pensamento de Mestre Eckhart. Em primeiro lugar, a distinção entre “palavra exterior” e “palavra interior”. A palavra exterior é caracterizada por Eckhart como superficial e transitória, restrita ao plano discursivo e incapaz de afetar profundamente o ser humano em seu núcleo espiritual. Em contraste, a palavra interior é apresentada como uma manifestação silenciosa e imediata do divino, ocorrendo na profundidade mais íntima da alma humana. Eckhart define essa palavra interior como pré-discursiva, anterior à elaboração linguística, constituindo-se como uma realidade espiritual silenciosa experimentada no âmago da pessoa.

Em segundo lugar, destaca-se o conceito de “nascimento” (*Geburt*). A escolha desse termo por Eckhart não é casual, pois ressalta o caráter dinâmico, ativo e continuamente renovado da palavra interior. Na perspectiva eckhartiana, o nascimento não indica apenas um ato inicial de surgimento, mas uma ação espiritual contínua, em constante processo de renovação. Tal concepção conecta-se à sua doutrina sobre a geração eterna do Verbo divino na alma humana, pela qual Deus nasce continuamente no interior do indivíduo à medida que este reconhece e desperta para a imagem divina nele presente.

Por fim, Eckhart estabelece uma relação dinâmica entre a interioridade espiritual e a ação externa. Segundo ele, a palavra interior não deve permanecer passiva ou oculta, mas deve ser conhecida e vivificada pelas faculdades internas — pensamento, razão e vontade —, manifestando-se posteriormente em ações externas virtuosas. Ao citar o Evangelho — “Que vossa luz brilhe diante dos homens” —, Eckhart propõe um ideal espiritual integral, indicando que a experiência interior não deve permanecer isolada, mas precisa manifestar-se concretamente na vida prática, beneficiando o próximo e o mundo ao redor.

O texto paulino citado por Eckhart, dirigido a Timóteo, adquire, desse modo, um significado que ultrapassa a simples exortação moral. Quando São Paulo ordena que se pregue a palavra, Eckhart interpreta essa “palavra” não como o som exterior que fere o ar, mas como o verbo interior — a *verbum interius* — que habita a alma. Essa palavra é a manifestação do intelecto participativo, do *rationale per participationem*, que opera como ponte entre o sensível e o inteligível. Assim como os sentidos interiores são “compreensivos por participação”, também essa palavra é “falada por participação” na medida em que nasce da orientação da alma para o intelecto superior, ou seja, para o *intellectus agens* divino.

A “palavra” que deve ser pregada é a iluminação das potências internas — pensamento, razão e vontade — que, participando do intelecto, se tornam veículo da luz divina no mundo. O “que vossa luz brilhe diante dos homens” é, assim, o reflexo da atividade dos sentidos interiores que, elevados à razão, produzem o ser a partir do não-ser. Trata-se de uma cogitação vivificada, um ato de consciência no qual o ser humano se faz colaborador do Verbo eterno, manifestando-o nas obras.

No entanto, essa dinâmica não está isenta de ambiguidade. As *cogitationes* podem ser racionais ou irracionais, conforme participem ou não do *intellectus*. A pregação da palavra interior, portanto, implica um discernimento: se a alma se volta ao temporal e ao sensível, suas cogitações tornam-se “razões do não-ser”, sombras do ente; se, ao contrário, se volta para o Uno, participa do ato criador que faz brotar o ser do non-ens. Assim, a palavra verdadeira é aquela pronunciada na região interior onde o intelecto participa da luz divina, não a que ecoa como ruído mundano (MANSTETTEN, 1993, p. 413).

Desse modo, o texto paulino, relido por Eckhart, exprime a estrutura participativa do conhecimento e da ação: a palavra interior é a forma mais alta de *cogitatio* racional, aquela que, nascida do *intellectus per participationem*, converte o interior em exterior, o invisível em visível, e a luz do ser em vida concreta. Pregar a palavra é, portanto, deixar que o intelecto iluminado por Deus se comunique às potências inferiores, de modo que toda a vida humana se torne pregação — não pela voz que fala, mas pela interioridade que resplandece.

2 “DO INTERIOR PARA FORA”

Na segunda passagem, Mestre Eckhart estabelece uma graduação entre duas direções possíveis do discurso: uma direção legítima, que surge do interior para o exterior, e uma ilegítima, que se move do exterior para o interior:

Eu disse certa vez: tudo aquilo que pode ser propriamente verbalizado precisa provir de dentro para fora e mover-se a partir da forma interior, e não vir de fora para dentro; mais ainda: deve surgir do interior para fora (MESTRE ECKHART, 1958, p. 66).

O texto se constrói sobre a oposição entre duas direções espaciais claramente demarcadas: “de dentro para fora” versus “de fora para dentro”. A repetição intencional, especialmente

com o reforço final — “mais ainda: deve surgir do interior para fora” —, serve para enfatizar a importância absoluta da proveniência interior da palavra verdadeira.

A expressão “propriamente verbalizado” indica o critério eckhartiano do discurso legítimo: não se trata de qualquer verbalização, mas daquela que é fiel e adequada à realidade espiritual interna que pretende expressar. A utilização de verbos como “provir” e “mover-se” sublinha a dinâmica e o movimento contínuo desse processo, rejeitando a ideia de uma palavra estática ou meramente conceitual.

Outro recurso textual significativo é o caráter enfático — “mais ainda” — utilizado para destacar e aprofundar a tese principal, estabelecendo uma progressão retórica que reforça e esclarece o ponto defendido. A estrutura paralelística e repetitiva, típica do estilo eckhartiano, gera intensidade e clareza, indicando a centralidade dessa ideia em sua filosofia. O que pode ser propriamente verbalizado não deve apenas vir, mas surgir de dentro para fora.

O paralelismo empregado por Eckhart representa uma estratégia filosófica consciente. Ao repetir estruturas gramaticais e conceituais, o pregador reforça relações essenciais entre os elementos abordados, tornando explícitas as conexões entre níveis diversos da realidade espiritual. Esse método é especialmente eficaz para traduzir seu princípio do *in quantum*, segundo o qual, no caso da passagem em análise, o grau de espiritualidade, sabedoria ou proximidade a Deus aumenta proporcionalmente à interiorização e à purificação da alma (TOBIN, 1986, p. 160-161.)

Em suma, Eckhart usa uma linguagem clara, rigorosa e enfática para afirmar uma tese central de sua espiritualidade: o discurso legítimo nasce apenas do encontro silencioso e direto com a verdade interior, nunca de uma mera assimilação passiva do exterior.

A forma interior corresponde à ideia ou verdade profunda que reside pré-discursivamente na alma, antes de qualquer articulação verbal ou racional. Eckhart enfatiza que somente a comunicação que nasce dessa dimensão interior tem legitimidade e valor espiritual autêntico. A verdade profunda não pode ser recebida passivamente do exterior, nem ser produto da imitação ou repetição vazia. Ao contrário, a autenticidade espiritual depende radicalmente dessa dinâmica interior-exterior.

Dessa forma, essa passagem reforça a tese de que a verdadeira palavra espiritual ou filosófica não é um simples conjunto de signos ou conceitos externos assimilados passivamente pela pessoa, mas uma manifestação viva da verdade experimentada diretamente no íntimo da alma. Eckhart sugere, portanto, um modelo dinâmico e contínuo de expressão, no qual o ato discursivo não é um fim em si mesmo, mas o desdobramento natural e espontâneo de uma experiência interna autêntica (ROESNER, 2018, p. 99)

A distinção entre dimensão interior e exterior do ser humano assume um significado decisivo. O homem exterior, caracterizado pela multiplicidade, pela dispersão e pela fixação nas criaturas, é essencialmente um nada. O homem interior, ao contrário, constitui o

verdadeiro tudo, pois nele a própria eternidade se revela. Eckhart reconhece nesse homem interior um âmbito aberto e permeável à presença divina, o qual denomina *fundo da alma*.

Tal fundo é descrito pelo mestre com múltiplas metáforas: centelha, cume, guarda, castelo, vórtice, razão suprema — todas apontando para uma dinâmica própria, na qual o ser humano, unido diretamente a Deus, encontra seu centro, fundamento e plenitude essencial (HAAS, 1979, p. 42-43)

Nesse centro, o conhecimento e o ser coincidem. O homem fala verdadeiramente apenas quando o real se pronuncia nele, e sua voz já não é sua: é a própria presença que se manifesta através da linguagem. A palavra, então, deixa de ser signo e torna-se transparência.

3 A PALAVRA ETERNA

O mesmo princípio que rege a comunicação verdadeira — a necessidade de que toda palavra provenha do interior — alcança agora seu fundamento ontológico, pois a interioridade humana é compreendida como espelho da geração eterna do Filho no seio da Trindade. Na terceira passagem a ser examinada, Eckhart escreve:

No momento em que a palavra é pela primeira vez recebida em minha razão, ela é tão pura e tão sutil que é uma palavra verdadeira antes de ser formada em meu pensamento. Pela terceira vez, ela é pronunciada exteriormente pela boca, e assim nada mais é do que uma manifestação da palavra interior.

Assim é também a palavra eterna pronunciada interiormente no coração da alma — no mais íntimo, no mais puro, no cume da alma, de que há pouco falei, na racionalidade: ali ocorre o nascimento interior. Aquele que nada tem aqui senão um mero desejo e uma esperança completa gostaria de saber como este nascimento acontece e o que contribui para ele (MESTRE ECKHART, 1971, p. 229-230).

O trecho acima conduz o pensamento de Mestre Eckhart ao ponto culminante de sua doutrina sobre a palavra interior: o nascimento da Palavra eterna no mais íntimo da alma humana. Ao afirmar que “na primeiríssima vez em que a palavra é recebida em minha razão, ela é tão sutil e tão pura que já é uma palavra verdadeira antes mesmo de ser formada em meu pensamento”, Eckhart indica a existência de um ato espiritual pré-discursivo, no qual o Verbo divino se faz presente antes da mediação linguística, racional ou conceitual. A “palavra verdadeira” não é, portanto, resultado de uma formulação mental, mas anterior a toda elaboração; ela é recebida, não produzida, e sua origem ultrapassa o sujeito empírico.

Essa passagem é decisiva, pois nela Eckhart distingue dois momentos do verbo: o nascimento interior e a manifestação exterior. No primeiro, a palavra é gerada no “mais íntimo, puro e elevado da racionalidade da alma”, onde ocorre o nascimento do Verbo divino

— uma ação silenciosa, inefável, sem som nem figura. No segundo, essa palavra se manifesta exteriormente, de modo imperfeito, sob a forma de linguagem ou ação. O exterior é reflexo do interior; a linguagem humana é apenas eco do Verbo eterno. Assim como Deus pronuncia o Filho em Si mesmo e esse mesmo Verbo ressoa na criação, também na alma humana a palavra interior se expressa exteriormente sem jamais esgotar sua fonte.

Essa distinção revela a estrutura analógica e participativa do ser em Eckhart. Entre Deus e o ser humano há uma correspondência profunda: “Em nós, como em Deus, há um abismo sem nome”. O homem é imagem e espelho do Verbo; sua alma contém um “fundo” no qual o mesmo mistério trinitário se repete em modo criado. O nascimento da Palavra na alma, ensina o mestre renano, constitui a reprodução temporal de um acontecimento eterno: “Pois somente a palavra manifesta aquele que fala e comunica o que está em seu espírito. O exemplo disso encontra-se na própria Palavra incriada, por meio da qual o Pai comunica e transfunde todas as coisas” (MESTRE ECKHART, 1939, p. 118).

Eckhart chama esse lugar de nascimento de “fundo da alma”, identificando-o com a região mais alta e silenciosa da interioridade, onde não há distinção entre sujeito e objeto, pensamento e ser. Nesse ponto, o discurso se cala e a alma se abre para o que não pode ser dito. A palavra que ali nasce é o próprio Verbo de Deus — não uma representação, mas uma presença real. O nascimento do Verbo na alma é, assim, uma forma de união imediata: “aquilo que é gerado e aquele em quem é gerado são um só”, escreve o mestre renano.

O Verbo é pronunciado “primeiramente dentro da Trindade, como o Filho”, depois “fora”, na criação, e finalmente “no mundo humano”, encarnando-se como Jesus, o carpinteiro de Nazaré. A palavra divina atravessa todos os níveis do real — o eterno, o cósmico e o humano — unindo-os numa só vibração ontológica. A criação, nesse sentido, não é senão o eco da Palavra pronunciada em Deus. Assim como “Deus falou uma vez, e eu ouvi duas”, diz o salmista, a mesma Palavra ressoa em dois planos: o interior de Deus e o exterior da criação.

A consequência filosófica é decisiva: o conhecimento verdadeiro não se realiza por observação ou análise exterior, mas pela audição interior da Palavra. Somente aquele que escuta o Verbo no silêncio do próprio fundo compreende a realidade como expressão desse Verbo. O pensamento que não nasce dessa escuta permanece na superfície do discurso — “palavra que golpeia o ar”, diria Eckhart —, incapaz de revelar o que é.

Daí a importância do silêncio. O texto que examinamos insiste que “nenhuma palavra é verdadeira se não nascer do silêncio”. Essa tese não é retórica, mas ontológica: o silêncio é a condição da verdade. A palavra autêntica não substitui o silêncio, mas o prolonga, como a música genuína que não destrói a quietude, mas a faz ressoar. O silêncio é o elemento comum entre o Verbo eterno e a alma: ambos são abismos de interioridade. Quando a alma se torna silenciosa, ela se faz semelhante a Deus, e “um abismo chama outro abismo” — o abismo do Criador chama o abismo da criatura.

Assim compreende-se que, para Eckhart, a palavra interior não é um símbolo, mas um ato ontológico: é o próprio Deus que fala em nós. A experiência dessa palavra não consiste em ouvir algo distinto, mas em tornar-se aquilo que é ouvido. Quando o Verbo é gerado na alma, a alma é transformada no Verbo; não por identidade substancial, mas por união participativa. A palavra interior não é apenas “dita” — ela é vivida.

Daí decorre a exigência de que essa palavra interior se manifeste na vida. O Verbo gerado em silêncio deve irradiar-se em obras, tornando visível a luz que o gerou. O nascimento do Verbo na alma implica necessariamente sua comunicação no mundo: o que foi concebido em contemplação deve transbordar em ação. Essa passagem do interior ao exterior é o movimento mesmo da Encarnação. O cristão, segundo Eckhart, é aquele em quem o Verbo se faz carne de novo, em quem a vida espiritual interior se torna presença transformadora no mundo.

Assim, a palavra que se cala no silêncio não desaparece: permanece como presença ordenadora de toda ação. A vida iluminada por essa escuta já não busca falar sobre o indizível, mas deixá-lo ressoar. O silêncio e a palavra tornam-se dois modos de uma mesma revelação — o ser que se dá a conhecer sem precisar ser explicado.

No horizonte eckhartiano, portanto, falar verdadeiramente é um ato espiritual. Cada palavra autêntica é uma extensão da Palavra eterna; cada silêncio verdadeiro é um eco do silêncio divino. A linguagem, purificada pela interioridade, torna-se transparente à realidade espiritual que a excede. Nesse ponto, a filosofia e a mística convergem: ambas buscam uma palavra que diga o indizível, não pela explicação, mas pela presença.

A doutrina eckhartiana da palavra interior oferece, assim, uma resposta ao problema filosófico dos limites da linguagem. Se a palavra exterior é incapaz de exprimir o real último, é porque a verdade não se encontra na superfície das palavras, mas em sua origem silenciosa. A superação dos limites do dizível ocorre quando o discurso se reconcilia com o silêncio de onde provém. Nesse silêncio, o homem reencontra a si mesmo, reencontra Deus e reencontra a verdadeira palavra — aquela que, antes de ser dita, é ouvida no fundo da alma (MCGINN, 2001, p. 55).

E talvez aí se descubra que o verdadeiro limite da linguagem não é o silêncio, mas o esquecimento da presença. O indizível não é o que falta dizer, e sim o que, sendo pleno, já se diz em nós antes de toda fala.

CONCLUSÃO

A doutrina eckhartiana da palavra interior revela uma das mais profundas tentativas, dentro da tradição filosófico-mística ocidental, de ultrapassar os limites do discurso conceitual e restituir à linguagem o seu fundamento espiritual. Ao distinguir entre a palavra exterior, discursiva e perecível, e a palavra interior, silenciosa e eterna, Meister Eckhart recoloca a linguagem em sua fonte ontológica: o nascimento do Verbo divino no fundo da alma.

A análise das passagens comentadas mostra que o discurso legítimo, para Eckhart, não consiste em transmitir informações nem em ornamentar a razão, mas em manifestar o invisível que a alma contempla em seu interior. Toda palavra que não procede do silêncio é vazia; toda palavra que não nasce do encontro com o Verbo é apenas ruído. Assim, a linguagem humana adquire sua dignidade e seu limite no mesmo ponto: ela participa do Logos, mas não o esgota.

O pensamento eckhartiano, longe de conduzir ao mutismo, propõe uma reintegração da palavra no silêncio, como a onda que retorna ao mar. Falar, para o mestre renano, é prolongar o silêncio — não rompê-lo. O verdadeiro falar é o eco do Verbo eterno no tempo; e o verdadeiro silêncio é o espaço onde esse eco ressoa. Por isso, a filosofia eckhartiana não é um irracionalismo, mas uma razão purificada pela interioridade, que reconhece seus próprios limites e, por esse reconhecimento, se torna capaz de ouvir.

Nesse sentido, o misticismo de Eckhart oferece uma via filosófica para o problema do indizível. O indizível não é o vazio da linguagem, mas sua plenitude inacessível — aquilo que a sustenta e a excede. O silêncio não é o oposto da palavra, mas sua origem e seu cumprimento. Entre o dizer e o calar não há contradição, mas ritmo: o mesmo movimento que vai do Pai ao Filho e retorna ao Pai, o mesmo fluxo que, na alma, faz nascer a palavra interior e a conduz ao mundo como ação.

O ensinamento de Eckhart, portanto, pode ser lido como uma filosofia da encarnação: o Verbo divino, pronunciado no silêncio da eternidade, deseja manifestar-se na vida humana. A alma que escuta o Verbo em seu fundo torna-se ela própria verbo e manifestação; sua vida se converte em expressão viva da Palavra eterna. Assim, o itinerário espiritual e filosófico conduz do silêncio à palavra — e da palavra novamente ao silêncio —, num ciclo incessante em que o humano e o divino se encontram.

Com isso, a reflexão eckhartiana aponta para uma solução simbólica e existencial ao dilema da linguagem: o que é verdadeiramente significativo não se diz, irradia-se. O indizível não é o que escapa à palavra, mas o que a preenche e a transfigura. Toda palavra autêntica é uma chama acesa no silêncio — uma centelha do Verbo eterno que habita o fundo da alma.

REFERÊNCIAS

HAAS, Alois M. *Meister Eckhart als normative Gestalt geistlichen Lebens*. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1979.

JOHNSON, Luke Timothy. *The First and Second Letters to Timothy: a new translation with introduction and commentary*. New York: The Anchor Bible, 2001.

MCGINN, Bernard. *The mystical thought of Meister Eckhart: the man from whom God hid nothing*. New York: Crossroad, 2001.

MANSTETTEN, Reiner. *Esse est Deus*. München: Alber, 1993.

MESTRE ECKHART. *Studienausgabe der Lateinischen Werke*. V. 2. Stuttgart: Kohlhammer, 1971.

MESTRE ECKHART. *Deutsche Werke*. V. 1. Stuttgart: W. Wolkhammer, 1958.

MESTRE ECKHART. *Deutsche Werke*. V. 2. Stuttgart: W. Wolkhammer, 1971.

MESTRE ECKHART. *Deutsche Werke*. V. 5. Stuttgart: W. Wolkhammer, 1963.

MESTRE ECKHART. *Die lateinischen werke*. V. 4. Stuttgart: W. Wolkhammer, 1939.

ROESNER, Martina (org.). *Subjekt und Wahrheit*. Leuven: Peeters, 2018.

TOBIN, Frank. *Meister Eckhart: thought and language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986.

Artigo recebido em 07.09.2025 e aprovado em 07.10.2025.

Leandro Bertoncello é doutor e mestre em Filosofia. Bacharel em Direito. Advogado. Autor do livro: "O Uno além do Ser: a união da alma com Deus no misticismo de Mestre Eckhart", entre outros títulos. E-mail: filosoflb@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2100-9859.

Endereço postal: Rua Estrela Guia, 244 - Santa Rosa-RS - CEP 98.789-010

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Luiz Sureki / Dr. Daniel De Luca Noronha